

O encanto da literatura como um rio que invade uma cidade: a Festa Literária de Santo Estevão

*The charm of literature like a river that invades
a city: The Santo Estevão Literary Festival*

Suely dos Santos Souza*

Universidade Estadual de Feira de Santana

Edésio Conceição Nascimento**

Secretaria Municipal de Educação-Santo
Estevão-BA

Glauca Maria Costa Trinchão***

Universidade Estadual de Feira de Santana

*Mestre em Educação. Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. E-mail: suely0975@gmail.com

**Especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens. Secretaria Municipal de Santo Estevão-BA. E-mail: delkm503@gmail.com

***Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA. E-mail: gaulisy@gmail.com

Resumo

O presente trabalho compartilha a experiência da I Festa Literária de Santo Estevão-BA, FLISE, que teve como tema: *Literatura e Memória: um rio que nos contempla e nunca seca* e discute como uma pequena cidade do semi-árido baiano reagiu a esse evento de fomento a leitura. Enfatiza-se o importante papel da educação em proporcionar uma experiência cultural rica, não somente para os estudantes, mas para a população em geral, uma vez que englobou literatura, arte e outras discussões acadêmicas, tendo a difusão do conhecimento como ponto central, na medida em que se utiliza da literatura como instrumento de disseminação de conhecimentos e assim tendo grande impacto na cidade nos aspectos educacional, social, econômico e político. O evento se destacou por envolver toda a rede municipal de ensino e por ter, não somente como anfitriões, mas, principalmente como protagonistas, os alunos das escolas municipais. Dessa forma, na perspectiva de Freire (1981; 1987; 1989), destaca-se aqui a importância de uma educação emancipatória, que promova ações que incentivem, e mobilizem toda a comunidade em direção ao conhecimento e, especialmente, à literatura como forma de trabalhar a formação de cidadãos conscientes e atuantes em seu lugar de pertença. Como principais resultados observou-se que esse tipo de fomento pode criar importantes espaços de diálogos e emancipação de cidadãos, com enfoque na construção identitária a partir de processos históricos, políticos e culturais da constituição da população local.

Palavras-chave

Festa literária; Literatura; Educação.

Abstract

The present work shares the experience of the 1st Literary Festival of Santo Estevão-BA, FLISE which had as its theme: *Literature and Memory: a river that contemplates us and never dries* and discusses how a small town in the semi-arid region of Bahia reacted to this event that focuses on stimulating reading. The important role of education is emphasized in providing a rich cultural experience, not only for students, but for the population in general, since it encompassed literature, art and other academic discussions, with the dissemination of knowledge as a central point, in to the extent that literature is used as an instrument for the dissemination of knowledge and thus having a great impact on the city in educational, social, economic and political aspects. The event stood out for involving the entire municipal education network and for having, not only as hosts, but mainly as protagonists, students from municipal schools. Thus, in Freire's perspective (1981; 1987; 1989), the importance of emancipatory education is highlighted here, which promotes actions that encourage, and mobilize the entire community towards knowledge and, especially, literature as a way of working on the formation of conscious and active citizens in their place of belonging. As main results, it was observed that this type of promotion can create important spaces for dialogue and emancipation of citizens, focusing on identity construction based on historical, political and cultural processes of constitution of the local population.

Keywords

Literary festival; Literature; Education.

Recebido em 29 de outubro de 2020

Aprovado em 09 de dezembro de 2020

SOUZA, Suely dos Santos; NASCIMENTO, Edésio Conceição; TRINCHÃO, Glauca Maria Costa. O encanto da literatura como um rio que invade uma cidade: a Festa Literária de Santo Estevão. *Léguas & Meia*, Brasil, n.11, v. 2, p. 61-77, 2020.

1 Introdução

A grande preocupação dos educadores brasileiros já não é mais somente com a questão da alfabetização, mas também com o letramento dos alunos. Isso significa que uma grande parte dos estudantes que sabe ler e escrever, por serem alfabetizados, não sabe relacionar o que leem com as questões políticas, econômicas, culturais e sociais que os rodeiam cotidianamente, logo apresentam grande dificuldade para compreender, interpretar e aplicar socialmente o que absorveram dos textos lidos.

O processo de letramento pode ser entendido como uma compreensão de mundo que se inicia antes mesmo da institucionalização formal da aprendizagem, sendo anterior a aquisição da leitura e da escrita. Mais adiante se configura como uma forma de ampliar e aprofundar a aquisição de saberes, constituindo-se como requisito necessário para dar continuidade à escolarização e assim agregar novos sentidos e formas ao processo de alfabetização. Mas, essa ampliação torna-se necessária se estender a todas as formas de linguagem, já que vivemos hoje, cada vez mais, envolvidos com o mundo das linguagens visuais, envoltos pelas mensagens e informações espalhadas por imagens impressas e virtuais em redes sociais e televisivas. Logo, é preciso compreender por letramento ou literacia a capacidade de ler, escrever, entender e interpretar as mais variadas linguagens como prática social. Como um ser social, o sujeito precisa se apoderar não só da leitura e escrita, mas desenvolver a capacidade de estabelecer críticas e inter-relações com as linguagens visuais também.

Como incentivo à leitura para crianças, jovens e adultos, o poder público e as instituições universitárias fortaleceram os investimentos e apoio às festas e feiras literárias. Esta iniciativa tem como marco a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), um festival literário lançado no ano de 2003, que se transformou em um dos maiores eventos literários do Brasil e da América do Sul. Esse tipo de evento estabeleceu e estabelece uma aproximação entre o escritor e o leitor, motivando e estimulando a leitura e a escrita, a compreensão crítica dessa leitura de texto e de mundo ao promover palestras, discussões, contação de história, oficinas literárias e atividades paralelas que envolvem crianças, jovens e adultos.

O ano de 2019 representou o auge das realizações de eventos dessa natureza na Bahia. Nesse ano, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULTBA), por meio da Fundação Pedro Calmon, lançou uma política estratégica e “reforçou o apoio a grandes eventos que aqueceram a área de leitura e memória no Estado”. Destacaram-se principalmente as feiras e festas literárias e, quanto à memória, “a requalificação de instituições como o Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), imprescindível para a preservação de documentos de imensurável significado e importância” (BAHIA, 2019).

No Estado da Bahia, 2019 superou todos os anos anteriores, pois teve “um público mais que expressivo, formado por milhares de baianos e turistas” que compartilharam esses espaços do pensar e saber. As Festas e Feiras Literárias “contemplaram dezenas de municípios baianos como Cachoeira, Feira de Santana, Santo Estevão, Mucugê, Andaraí, Nova Soure, Ilhéus, Jequié e Salvador, conforme indica o site do governo” (BAHIA, 2019).

O presente texto, portanto, traz uma reflexão sobre ações que instituições universitárias e prefeituras, através de suas Secretarias de Educação, estão realizando para que comunidades passem por experiências de incentivos à literatura e possam perceber a importância da incorporação funcional da capacidade de aprender a ler e escrever e aplicar as reflexões criticamente nas relações cotidianas.

O Estudo destaca a experiência da I Festa Literária de Santo Estevão, a FLISE, que teve como tema *Literatura e Memória: um rio que nos contempla e nunca seca*, realizada nos dias 04 a 06 de setembro de 2019, nesta pequena cidade localizada no semiárido baiano. Esse evento se destaca no cenário das diversas festas literárias que ocorreram neste ano, inclusive em Salvador, tanto por ter sido uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Prefeitura Municipal, mas, principalmente, por ter conseguido envolver toda a rede municipal de ensino não somente como anfitriã, mas enquanto protagonista de todo o evento.

A FLISE foi o primeiro evento desse tipo que ocorreu em Santo Estevão e a magnitude do envolvimento das instituições e a aceitação da comunidade impactaram a cidade e abriram uma nova era de festas, tendo como destaque o conhecimento e a construção de saberes. Por sua natureza, teve um grande impacto no município, tanto no aspecto educacional, como social, econômico e político, sendo um importante marco cultural naquela cidade, bem como nas concepções sobre educação e, especialmente, sobre literatura, entrando na agenda de festas literárias do Brasil e na agenda cultural da região. Dessa forma, na perspectiva de Freire (1981; 1987; 1989; 1995), destaca-se aqui a importância de uma educação emancipatória, que promova ações que incentivem e mobilizem toda a comunidade em direção ao conhecimento e, especialmente, à literatura como forma de trabalhar a formação de cidadãos conscientes e atuantes em seu lugar de pertença.

No histórico da educação brasileira, ações inovadoras como essas são importantes para diminuir o analfabetismo funcional que ainda impera no país, pois tais iniciativas, e muitas outras que poderão ser promovidas pelas Secretarias de Educação Estaduais e Municipais, fomentam e estimulam a leitura empoderando a construção e disseminação de conhecimentos, assim como a valorização social e cultural de cada cidadão. O importante papel da educação, agregado a esforços do poder público, das instituições escolares e da comunidade, proporcionou uma experiência cultural rica não somente para os estudantes, mas para a população em geral, englobando literatura, arte e discussões acadêmicas, tendo a difusão do conhecimento como ponto central.

2 A leitura, a escrita e o letramento no contexto educacional brasileiro

A alfabetização e o letramento fazem parte do crescimento integral do ser humano enquanto aspecto primordial para um bom desempenho cognitivo. O hábito da leitura possibilita a compreensão de sua relação com o social e também o acesso a várias formas de linguagens que fomentam a leitura do mundo e de mundo, ampliando a capacidade de um raciocínio crítico e analítico das coisas e de fatos cotidianos. Essa capacidade estrutura o sujeito social e político que investirá na construção de uma sociedade justa e igualitária.

O sujeito fazedor de cultura, que é o homem, necessita de formas dinâmicas de aprendizagens para desenvolver seu intelecto e suas potencialidades intelectuais e criativas e o hábito de leitura é uma dessas maneiras que desperta, instiga, exercita e ajuda no crescimento do sujeito intelectual. Em contraposição, a falta dela faz com que as pessoas não desenvolvam sua capacidade de compreensão, de reflexão, a capacidade da escrita, limita também a comunicação através da linguagem verbal e principalmente o entendimento de mundo e de sociedade.

É preciso levar em consideração que, no Brasil, o não desenvolvimento da leitura está intimamente relacionado não somente aos aspectos culturais e sociais, mas também aos aspectos políticos e econômicos, sendo necessário analisar a origem colonial e o processo de colonização do povo brasileiro, cujos imperativos e determinações

impuseram inúmeras castrações e heranças ideológicas negativas que perduram até os dias de hoje. A maneira como toda a América foi colonizada (DUSSEL, 1993) e, especialmente, o Brasil, e a política de dominação adotada para subjugar a população, impuseram formas dinâmicas de sujeição para além da força bélica. Impuseram principalmente ideias, princípios e valores que compunham a ideologia dominante e que foram disseminadas para assujeitar a população e estabelecer um entendimento de mundo, de sociedade e de política que não representa a realidade e o contexto da maioria da população que aqui sobrevivia e sobrevive.

A colonização, então, além de predatória, foi também inibidora do processo emancipatório de toda uma população que estava se constituindo enquanto povo e nação, e os colonizadores, além de dominar as terras e espoliar as riquezas, impuseram seu padrão de mundo, de sociedade, de ser e de viver sobre os nativos que aqui habitavam, “assentado o discurso da inferioridade dos povos colonizados que, segundo seus formuladores, estariam fadados à desorganização política e ao subdesenvolvimento” (ALMEIDA, 2019, p. 21).

O projeto de civilização no Brasil colonial, então, instituiu uma dominação cultural cuja prática de leitura negava ao brasileiro o direito de entendimento de mundo e de ler a sua própria realidade, tendo início com uma violenta dominação intelectual em um processo de imposição cultural que cerceava o direito de interpretações e expressões da sua própria cultura, determinando o processo de formação da identidade cultural no Brasil. De acordo com Luckesi et al. (1998), a cultura do povo que habitava o Brasil era exorcizada, subvalorizada, marginalizada em toda a sua expressão e nem mesmo o direito de ler informações vindas da metrópole lhes era garantido, pois não lhes era permitido o domínio das letras, em nome de uma suposta preservação do *status quo* dos “descobridores e benfeitores” que impunham sua presença nas terras brasileiras.

Tal cerceamento ao acesso à cultura e a educação se estendia não somente à permissão de aprendizagem para alguns e proibição para outros, e, dessa forma, somente à elite era dada a permissão de leitura e o povo deveria ser mantido longe dos livros, como também ao método de apropriação da leitura, que não propiciava uma prática questionadora e analítica, bem como aos conteúdos e conhecimentos permitidos, que eram basicamente os de interesse da metrópole, sendo algumas obras expressamente proibidas de circular entre a população, pois se constituíam como ameaça a coroa portuguesa (LUCKESI et. al., 1998).

Estruturada nessa conjuntura, a política educacional desenvolvida no país vai refletir a complexidade de todo esse contexto de visão eurocentrada de mundo. Dessa forma, não se pode pensar a educação brasileira sem analisar o ideário colonizador que definiu seus rumos e estratégias e determinou uma educação voltada, por muito tempo, somente para a formação da elite dirigente, deixando de lado a grande maioria da população, excluída dos benefícios do conhecimento letrado ou intelectual. Cabendo posteriormente à essa parte excluída a estruturação de uma educação com vistas à formação técnica, para que essa massa constituísse a mão de obra operária necessária ao desenvolvimento da indústria brasileira que emergia. Essa maneira de pensar o acesso ao conhecimento à população se refletiu em todas as ações políticas, reformas e documentos legislativos que compõem o início da educação brasileira, e como consequência, os índices das taxas de analfabetismo no país por muito tempo foram altíssimos, sendo uma grande preocupação nos vários momentos da educação do país.

O histórico educacional brasileiro mostra, então, que a educação popular teve uma implementação vagarosa e aconteceu somente mais tarde, pressionada por motivações econômicas e devido aos interesses do sistema capitalista. E, nessa perspectiva, tendo

objetivos definidos de acordo com suas necessidades, relegou à população uma educação de baixa qualidade, com práticas e políticas que não contemplavam o crescimento intelectual dessa população. Isso porque a deseducação das classes trabalhadoras é legitimada por políticas que atendem as ambições do capital monopolista, reproduzindo um projeto desenvolvimentista que não tem interesse na emancipação e qualidade de vida das classes trabalhadoras, tendo como intuito primordial a disciplina para o trabalho com mínimas informações possíveis (BACK, s/a).

Não podemos negar que a educação no Brasil possui períodos de consideráveis avanços, no entanto, é inegável também que esse complexo contexto histórico educacional nos deixou como herança sérias consequências tais como a deficiência na leitura, na compreensão e, conseqüentemente, no aprofundamento científico. Para avolumar mais ainda a problemática, temos hoje entretenimentos midiáticos diversos que contribuem ainda mais para o afastamento do sujeito, não educado a ser leitor, do ato de ler e da intimidade com livros e literaturas que o enriqueçam em seu espírito e intelecto.

Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2015), encomendada pelo Instituto Pró Livro, o índice de leitura do brasileiro é um dos mais baixos do mundo, enquanto na Argentina, a média é de 12 livros, por habitantes por ano, aqui o número se restringe a 4 livros por ano. Nesse aspecto, Luckesi et. al. (1998, p. 126), diz que “nunca poderemos esquecer nossa origem colonial, com as implantações, imposições e castrações que lhe foram inerentes e cujos reflexos, ainda hoje, se fazem sentir em todos os aspectos de nossa vida”, e também é preciso considerar que “embora revestida de outras circunstâncias existe uma perpetuação da realidade de leitura imposta na história de educação no Brasil, em que poucos lêem e têm reconhecido efetivamente seu direito de ler”. (LUCKESI et. al., 1998, p. 131).

Percebemos a abrangência dessa problemática quando constatamos que grande parte da população brasileira não sabe responder satisfatoriamente as exigências do processo de leitura impostas no cotidiano das relações sociais, pois, além do processo de aprendizagem das letras e palavras, que se dá na alfabetização, o sujeito precisa compreender o que está lendo, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre o que se lê e o contexto social, ou seja, uma leitura de mundo, do contexto, da sociedade e das relações que se estabelecem nela.

Nessa perspectiva, o letramento é de vital importância, e, sendo um entendimento de mundo, não se restringe a alfabetização, sendo anterior a ela, cuja dinâmica extrapola os limites dos códigos e se estabelece nas construções cognitivas que o sujeito faz de seu mundo. Kleiman (2008, p. 20) corrobora com esse entendimento quando afirma que esse fenômeno “extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”, e nessa perspectiva, ele exige habilidades que envolvem as complexidades de processos cognitivos que se estabelecem gradualmente no desenvolvimento do sujeito.

Soares (2006, p. 145) afirma que letramento “é o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação”. Podemos entender que essas práticas de leitura são inerentes da aquisição de habilidades e competências exigidas em todas as situações em que a leitura da palavra e do mundo se faz necessária e fundamental. Essa importante função no desenvolvimento cognitivo assume grande importância para a vida das pessoas pois sua utilidade influencia nas relações sociais e no entendimento de mundo, auxiliando no desenvolvimento de pessoas que refletem, analisam, constroem suas próprias interpretações e se constituem gradualmente como sujeitos capazes de construir seu próprio conhecimento.

No entanto, é inegável a grande problemática da herança educacional no Brasil, e isso fica bem claro em situações de grande dificuldade de entendimento e diálogo com informações e conhecimentos transmitidos diária e simultaneamente para toda a população através dos meios de comunicação e informação. Uma enorme parte dos cidadãos brasileiros, cuja inaptidão cognitiva se estende a várias áreas e aspectos, além de não ter o hábito da leitura e não saber interpretar o que leu pelas letras, também têm grande dificuldade em ler as mensagens transmitidas maciça e tão dinamicamente, utilizadas nos dias de hoje por meio da comunicação que se estabeleceu a partir das redes sociais e dos relacionamentos midiáticos. Mensagens, informações são lançadas por meio de imagens fixas, cartazes, capas de discos ou livros, imagens internas às publicações impressas, dentre outros, ou imagens móveis, como o cinema, a televisão, e outros, e não são devidamente compreendidas em seu conteúdo e mais além em suas motivações, nos remetendo aos princípios, valores e intenções que transmitem. Isso tem se constituído como um grande problema nos dias de hoje, perpetuando a dominação ideológica e interferindo nos relacionamentos e em importantes decisões em relação aos rumos do país.

Nesse aspecto, a linguagem artística, e, especialmente, o texto imagético, sendo uma das formas de linguagem, de transmissão de conhecimentos e informações, hoje precisa ser adotada nos espaços escolares como um potencial cognitivo para o letramento, com a finalidade de estimular a interação dos sujeitos nos diversos contextos sociais, não se limitando, assim, somente aos espaços escolares e às relações dos sujeitos nesses espaços. É preciso entender que outras linguagens surgiram com as novas tecnologias de comunicação e a partir das interações sociais por elas proporcionadas e isso tem agravado muito a situação de compreensão e interpretação do mundo e do contexto social nos tempos atuais.

Diante dessa realidade, surge a necessidade de pensarmos como fomentar práticas para o desenvolvimento de sujeitos leitores e letrados na atualidade, de maneira a incentivar o despertar de pessoas capazes de intervir em sua realidade, de maneira crítica, consciente e autônoma em meio ao processo de ideologização massificante que se intensifica a cada dia. Entendendo que este é um momento crítico de reflexão para a criação de um novo olhar, que ultrapasse todas as maneiras de dominação intelectual e ideológica utilizadas como forma de garantir a continuação do controle social e político estabelecido na sociedade. Assim, aglutinar várias formas de linguagens que potencializem a leitura de mundo e o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e análise torna-se um ato político contra-hegemônico e intencional para a busca da construção de uma sociedade democrática, mais justa, igualitária e libertária.

Entendemos que para a promoção do letramento é necessário que as pessoas sejam envolvidas em situações em que possam vivenciar experiências com a linguagem a partir da leitura e da escrita, que sejam inseridas no mundo das letras e das reflexões, considerando que no histórico de países como o Brasil, o contato com livros e materiais de leitura ainda não é de tão fácil acesso e essa realidade não contribui para a formação de sujeitos leitores (SOARES, 2006). Isso porque desde a criação do território brasileiro, tivemos governos “para quem a ‘leitura’ do concreto, o desvelamento do mundo não são um direito do povo, que por isso mesmo deve ficar reduzido a leitura da palavra”, e isso na prática interfere na “relação dinâmica entre a leitura de mundo e a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 22).

Nesse entendimento é que segue a discussão neste texto, ou seja, na intenção de fomentar o diálogo sobre a importância de ações que contribuam para que os cidadãos sejam motivados e entrem em contato com práticas de leitura e escrita, com o

conhecimento, com as práticas de reflexões e análises, com leituras do social e do seu próprio mundo. Nessa perspectiva, é fundamental salientar a importância de ações que fomentem o conhecimento e a interação com o saber dentro e fora das instituições escolares, mas especificamente das festas literárias, nacionais e internacionais, como dispositivos para a tomada de consciência social, política, econômica, educacional e cultural do sujeito pela arte e pela literatura. E, assim, cabe discutir sobre a importância e o papel da Festa Literária de Santo Estevão - FLISE, um evento que marcou e teve um grande impacto no contexto dos cidadãos daquele município e se destacou no cenário regional como um evento diferenciado, cujas bases se estruturaram na educação local e que inaugurou uma nova forma de formação, construção, disseminação de conhecimentos e, porque não, de lazer naquela localidade.

3 Santo Estevão: as águas férteis da FLISE

A história da formação do território, do sistema de educação e formação da sociedade da cidade de Santo Estevão não se diferencia da maioria dos municípios baianos. A organização de seus segmentos sociais seguiu também pela política escravocrata, em que a educação estava a cargo das ordens religiosas e onde as pessoas escravizadas não tinham direito e nem acesso à instrução escolar.

Uma pequena cidade, entre os 417 municípios que o estado da Bahia possui, Santo Estevão se situa em um dos Territórios de Identidade definidos pelo governo baiano. Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia - SEPLAN, na atual regionalização, implantada a partir de 2007, o estado dividiu seus 417 municípios em Territórios de Identidade, que são definidos como “espaço físico, caracterizado por critérios multidimensionais, como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população onde se pode distinguir elementos que identificam identidade, coesão social, cultural e territorial” (BAHIA, 2015) e que tem como objetivo identificar as prioridades temáticas a partir da realidade local, de modo a possibilitar o desenvolvimento regional. A última atualização, com base nos dados dessa secretaria, informa que a Bahia tem 27 Territórios de Identidade. A cidade de Santo Estevão faz parte do Território denominado Portal do Sertão.

O território de Identidade Portal do Sertão é composto por 17 municípios, sendo eles: Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos, Conceição da Feira, Santo Estêvão, Ipecaetá, Antônio Cardoso, Anguera, Tanquinho, Santa Bárbara, Santanópolis, Coração de Maria, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Terra Nova, Conceição do Jacuípe, Iará e Água Fria. Dentre esses municípios, se destacam Feira de Santana, com uma população de 556,6 mil habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010, e, em segundo lugar, Santo Estevão, com população de 52,2 mil habitantes, seguido de São Gonçalo dos Campos, com 33,2 mil. Os municípios relacionados nesse território possuem ampla diversidade climática, mesmo que alguns deles se situem no semiárido da Bahia. É um dos territórios mais dinâmicos devido às diversas rodovias estaduais e federais e à proximidade da região metropolitana de Salvador, capital, e isso o destaca na área econômica do estado, pois sua localização estratégica o torna uma referência comercial e de serviços para a região baiana, sendo localizado nesse território importante polo industrial e comercial, como o Centro Industrial do Subaé, em Feira de Santana (BAHIA, 2015).

Esse território também tem a incidência de muitas propriedades rurais com atividades baseadas na Agricultura Familiar, em que, na maioria deles, os próprios agricultores são titulares das terras, mas também tem atividades de arrendamento e ocupações de algumas propriedades. Entre as principais atividades, além da agropecuária,

se destacam também a apicultura, avicultura e há registros de atividade pesqueira em três dos municípios, sendo destacadas ainda a importante presença de algumas comunidades quilombolas (BAHIA, 2015).

Situada a 140 km da capital, Salvador, com área de 366 km², Santo Estevão, então, compartilha seus limites com Ipecaetá e Antônio Cardoso, cidades que também integram o Território do Portão do Sertão, além de Rafael Jambeiro, que é parte do Território de Identidade Piemonte do Paraguaçu e também Cabaceiras do Paraguaçu, que pertence ao Território do Recôncavo. Percebe-se com isso que Santo Estevão representa, de certa forma, acesso tanto à grande parte do seu território de identidade, quanto a outros dois territórios, importantes centros de permanente produção e valorização cultural.

Santo Estevão, semelhantemente aos demais municípios desse território possui uma forte cultura de comemoração de festas regionais, dentre elas a Comemoração do São João, que é um dos pontos de referência do município, momento em que recebe atrações como o autêntico Forró Pé de Serra, também o sertanejo universitário, que atrai muitos jovens da região. A comemoração do dia de Santo Estevão, padroeiro da cidade também é bastante forte, reunindo fiéis tanto da zona rural como urbana. A cidade também se destaca por possuir um grande número de universitários que estudam nas faculdades públicas e privadas principalmente na cidade de Feira de Santana, tendo um grande trânsito desses estudantes diariamente para esse município a partir do apoio do poder público municipal que proporciona o deslocamento desses alunos (PMSE, 2020).

Segundo a lenda contada na cidade, a mesma teria surgido a partir das incursões de um padre que buscava água para seus animais. Após andar por dias achou um local, mas a água era salobra e por isso ficou conhecida como “Riacho do Salgado”, este é reconhecido hoje como o lugar onde nasceu o município. Por volta de 1751 foi criada a freguesia de Santo Estevão, que em 1827 tornou-se Distrito da Paz, como parte do município de Cachoeira. Somente em 1921 ocorreu a emancipação política de Santo Estevão, sendo desmembrado e em 21 de setembro foi efetivado como novo município, sendo instituída esta data feriado municipal de aniversário da cidade (CONSÓRCIO PORTAL DO SERTÃO, 2020).

A evolução histórica da educação no município de Santo Estevão coaduna com a realidade de muitos municípios baianos, que por volta do século XIX possuía na caracterização da gênese da sua sociedade a política escravocrata com a forte presença de coronéis e a concepção de que pessoas que foram escravizadas faziam parte de seus bens materiais. Estes homens e mulheres cativos não possuíam nenhuma instrução escolar e foi a iniciativa dos religiosos que possibilitou os primeiros acessos de negros e mestiços à educação em Santo Estevão, demonstrando a importância das escolas confessionais neste lugar e nesta época. (BAHIA, 2013).

O processo de orientação educacional aos sujeitos escravizados e agregados das fazendas acontecia de forma esporádica, ligado às ações da Igreja Católica, como nos encontros de catequese e algumas comemorações religiosas. Estas ações instrucionais visavam principalmente as crianças, com o intuito de promover a “salvação” destas, tornando-as obedientes aos seus senhores (FONSECA, 1983). Com o fim do regime escravocrata, as pessoas, outrora escravizadas e agora libertas, seus filhos e agregados compunham a maior parte da população que não possuía nenhuma instrução escolar. Isso reflete a história educacional brasileira, em que os filhos dos negros e famílias pobres não tinham direito ao processo educacional, e este era direcionado principalmente para os filhos de homens afortunados, sujeitos livres que compunham a elite brasileira.

Segundo Fonseca (1983), esta população de libertos começa a povoar, em meados dos anos finais do século XVIII e início do século XIX, as áreas consideradas suburbanas,

as primeiras regiões consideradas periféricas da cidade. Nessas regiões, conhecidas hoje como o Beco do Salgado, a comunidade do Oleiro e a comunidade da Conga, se concentrava o maior número de analfabetos. Observa-se que nessas áreas, até hoje, se concentra a maior parte da população negra da cidade.

Até parte do século XX uma grande quantidade da população do município de Santo Estevão vivia em povoados dispersos no meio rural, deslocando-se para a cidade em dias de feira, eleições e dias santificados - festa do padroeiro e dos santos de devoção popular, em que missas e celebrações religiosas eram realizadas. A prática referente à educação escolar acontecia nas próprias dependências dessas fazendas quando os senhores, os donos, contratavam professoras de outras localidades para servir aos seus filhos e filhos dos seus vizinhos. As aulas eram dadas na sua própria fazenda e o professor era considerado como um hóspede importante (ROCHA, 2007).

A educação formal neste município foi iniciada com a escola primária particular por volta do ano de 1915, com a denominada escolarização domiciliar particularizada, que era realizada por uma pessoa do grupo familiar que tivesse domínio de leitura, de cálculo e da escrita. Muitas comunidades rurais, contavam com este tipo de escolarização. Geralmente eram mulheres sem muito estudo, mas que conheciam as noções básicas da alfabetização e das operações matemáticas básicas (FONSECA, 1983).

Só em 1921, ano da Emancipação Política do município, é que a educação finalmente é institucionalizada a partir da criação da Secretaria Municipal de Educação. O processo que antes se concentrava no seio familiar, e restrito somente a alguns poucos privilegiados, agora, com a institucionalização, passa a movimentar os espaços formais de ensino, com a implantação de escolas municipais e estaduais (BAHIA, 2013).

Nos dias atuais, Santo Estevão, assim como muitas cidades brasileiras, apresenta um quadro de desigualdade social muito grave. A Rede Municipal de Ensino enfrenta as drásticas consequências desta desigualdade. Desta forma, tornam-se complexas as relações sociais dentro do ambiente escolar e é notória a dedicação dos corpos docente e gestor das unidades de ensino no tocante a estar a cada dia buscando a redução dos efeitos dessa desigualdade.

Com 27 escolas de Ensino Fundamental nos anos iniciais e 08 escolas nos anos finais, o município conta também com uma unidade de Educação Infantil e duas creches em funcionamento, atendendo em 2020 a mais de 4.000 estudantes. As estratégias de leitura e outras que são lançadas por estas unidades de ensino, demonstram a preocupação da rede por promover uma educação de qualidade e que esteja em consonância com as diretrizes curriculares nacionais, e, dentre estas estratégias, está a FLISE, a festa literária em destaque e apresentada nessa discussão enquanto uma das mais importantes ações educacionais realizadas nas últimas gestões em Santo Estevão.

4 A construção da festa que encantou a cidade

A FLISE – Festa Literária de Santo Estevão, realizada no período de 04 a 06 de setembro de 2019, nasce como uma das estratégias orientadas pela Equipe Pedagógica da Secretaria de Educação Municipal - SEDUC, que desde o ano de 2017 busca alcançar as proficiências básicas de leitura e produção escrita nos estudantes. Ao incorporar no seu currículo o projeto institucional em rede de leitura, as escolas atendem aos requisitos estabelecidos pela Secretaria de Educação no tocante a oferecer aos estudantes as condições necessárias para estabelecimento da competência de leitura, tendo o professor como mediador desse conhecimento. Os resultados dos projetos institucionais de leitura ainda não são percebidos nos dados estatísticos que são amparados em avaliações

externas, com o SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica e outras, mas acredita-se que as ações realizadas são importantes para que os resultados positivos comecem a preencher as lacunas que ainda persistem em existir na educação.

Neste aspecto, a FLISE surge como evento balizador do processo de produção do conhecimento, do letramento e de aquisição da leitura nas escolas. Os projetos elaborados e executados por cada unidade de ensino alcançam na FLISE a sua culminância e ações ligadas à arte e cultura resultantes desses projetos se encontram para compartilhar ideias e conhecimentos num ambiente mágico, acolhedor e composto de pura literatura.

Em um município com o histórico social com marcas de grande desigualdade e o histórico educacional que demarca um estado crítico, foi com bastante apreensão que a equipe pedagógica se propôs a organizar esse evento, temendo que não conseguisse alcançar o público desejado e que o mesmo, por não ter grande experiência com práticas de leituras e com eventos dessa natureza, não fosse seduzido pelo encantamento da proposta. No entanto, todos foram surpreendidos pela aceitação positiva que motivou o empenho da equipe em dar seguimento ao projeto e já nos dias que antecederam a festa, toda a cidade mostrava mobilização para o mesmo. O movimento que se fazia era de ansiosa espera e em toda a cidade havia uma grande expectativa.

Nessa perspectiva, o evento foi concebido a partir de uma ação conjunta, que envolveu toda a equipe da Secretaria Municipal de Educação, os gestores das escolas municipais, representantes de todas as manifestações artísticas existentes na cidade, equipes da Prefeitura Municipal, autoridades municipais, representantes do comércio da cidade, dentre outros, e foram desenvolvidas várias atividades que viabilizaram e embelezaram os momentos vividos no evento.

Foi constituída uma coordenação geral do evento, da Secretaria Municipal de Educação, que inicialmente estruturou todo o projeto que deu a forma e estrutura conceitual do mesmo, a partir da concepção do que se queria trabalhar e desenvolver e os objetivos que se queria alcançar com uma ação dessa magnitude, voltada para a prática educacional. Esse projeto concebeu a ação como um todo, delineando o evento com todas as atividades gerais que seriam desenvolvidas, e essa coordenação também ficou responsável pela curadoria da festa, no contato e tratativas com as atrações que se fariam presentes. Estruturada, então, a ideia do evento, foi estabelecida uma equipe maior de coordenação, constituída pelos técnicos e técnicas educacionais desta Secretaria, e tudo passou a ser discutido exaustiva e pormenorizadamente entre essa equipe, sobre a metodologia de trabalho com literaturas e artes, e pensadas diferentes formas de organização dos espaços, bem como estratégias para a realização de cada ação integradas as diversas formas de linguagens artísticas que deram a composição dinâmica do evento.

Dada essa organização foram constituídas subequipes, sob a coordenação dessa equipe técnica, que ficaram responsáveis por áreas específicas, tais como: os espaços da educação infantil, do ensino fundamental anos iniciais e finais, espetáculo de abertura, espaço da memória, oficinas, palestras e mesas de discussão, apresentações que se realizariam no palco maior, exposição de artes, lançamento de livros, feira de livros, infraestrutura relacionadas aos locais da festa, aos transportes, alimentação, aquisição de materiais e cada equipe teve autonomia para pensar e desenvolver suas tarefas, programação e toda a dinâmica sob sua responsabilidade. Cada área passou então a pensar suas ações, seus espaços, suas atrações e o aproveitamento do tempo que teriam disponível, as dinâmicas de trabalho e todos os detalhes, desde os gastos com aquisição e construções de materiais até a realização de cada ação propriamente e os conhecimentos que deveriam ser construídos, bem como os impactos deles para os alunos da rede de ensino e para a população como um todo.

A FLISE foi aos poucos ganhando vida, não sem enfrentar as dificuldades que são inerentes a um evento dessa magnitude, dificuldades estas que envolveram prazos, descrédito de alguns, questões de logística, de comunicação, trâmites burocráticos, dentre outras, mas principalmente questões econômicas, determinantes para que tudo se efetivasse. Mas a despeito de todas elas, se transformou num grande evento baseado exclusivamente em uma ação educacional consciente, com vistas a proporcionar inúmeros momentos de aquisição e construção de conhecimentos. Com o objetivo de oportunizar o fomento à leitura, ao letramento e acesso a outras linguagens culturais, o evento foi pensado com o propósito de inaugurar um cenário de diálogos, de vivências, de trocas e de construções emancipatórias para todos os cidadãos, de todas as idades e todas as fases educacionais.

Sendo, então, pautada no processo de construção histórica, política e identitária do povo santoestevense, a festa aconteceu para enfatizar sua gente, sua cultura e sua riqueza, valorizando a cidade e seus filhos, na compreensão desse momento como uma possibilidade de reconhecimento e de valorização das culturas locais para a realização de diálogo significativo com a sua realidade objetiva (FREIRE, 1981).

4.1 O rio de encanto que inundou a cidade

O evento teve início na quarta-feira do dia 04 de setembro do ano de 2019 com a realização de uma chamada, logo ao raiar do sol com o grupo cultural chamado Charanga, grupo animador de festas de rua da cidade, que, utilizando-se de muita música e fogos de artifício, iniciou o dia anunciando que um grande acontecimento estava para ser iniciado. Logo mais, os alunos de uma das escolas de ensino fundamental anos finais, realizaram um grandioso desfile literário em que os mesmos saíram fantasiados, em blocos criativos com temas literários, realizando evoluções coreográficas dinâmicas, tendo a frente do grupo um trio elétrico com músicas animadas e adequadas à natureza do evento. Essa ação chamou a atenção de todos que passavam pelo centro comercial naquele momento, por sua beleza e criatividade.

Ainda pela manhã, numa atividade conjunta de escolas localizadas no centro da cidade e arredores imediatos, foi realizada a chamada “Ação Convite”, em que os alunos, de escolas do ensino fundamental anos iniciais, sob a coordenação de professores e gestores, e com o apoio da Secretaria de Trânsito, fantasiados de personagens da literatura e com convites - cartões contendo poesias e frases literárias e também portando flores e doces, se posicionaram estrategicamente nos pontos principais do trânsito da cidade, entregando esse material à população e convidando a todos que por ali passavam para a festa de logo mais a noite. Esse momento foi impactante tanto para a população, quanto para os próprios alunos, que tematicamente vestidos expressavam uma alegria sem igual. Concomitante a isso, a praça já estava preparada e já estava sendo instalada a Biblioteca Estadual Pedro Calmon, que oferecia um gama de atividades literárias para toda a população e um trenzinho todo adornado com temas infantis passeava pelas ruas com as crianças das escolas de educação infantil, com muita música e alegria. Essas ações impactaram a população, que ficou no aguardo para a abertura oficial da festa, que aconteceria somente mais tarde.

A abertura oficial aconteceu, então, à noite e teve a participação de representações das principais autoridades do município e dos organizadores da festa, que num breve momento deram sua saudação à população, ressaltando a importância daquele momento para a cidade. Logo após, deu-se início ao espetáculo musical e teatral denominado *Contos, cantos e encantos: melodias de um mundo que leio o tempo todo*. Este, tido como

um dos maiores e mais emocionantes momentos da festa, agregou artistas de várias categorias da cidade e alunos da rede municipal e estadual, que juntos promoveram um grande show artístico, envolvendo a música, a dança e o teatro a partir de temas da literatura, trazendo histórias e contos conhecidos, contados e cantados pela maioria das gerações que ali estava, num misto de saudosismo, na medida em que despertava as memórias dos mais antigos e de surpresa para as crianças, tudo envolvido em muito fascínio e encanto. A praça principal se encontrava completamente repleta de pessoas e o que mais impressionava era o entusiasmo com que todos assistiam e aplaudiam e o orgulho com que todos admiravam os filhos daquela terra, que brilhavam numa explosão de talentos, inteligência, capacidade e competência. Não foi preciso ninguém mais, além dos próprios artistas daquele município, para encantar a população naquela abertura.

Nos dias que se seguiram foram realizadas atividades com objetivo de alcançar públicos variados, desde a educação infantil até o ensino superior, desde os trabalhadores comuns, homens e mulheres das lavouras, das fábricas, dos comércios, até as maiores autoridades daquele município. E então foram realizadas ações como contação de história, teatros, parque infantil e circo, planetário, shows musicais infantis, infanto-juvenis e adultos, exposições artísticas, mostra de documentário, mesa de conversa, saraus poéticos, mostra de cordéis, oficinas de artes, palestras, palestra interativa, apresentações escolares, feira literária e lançamentos de livros, tendo em todas elas uma grande participação do público a que se destinava.

Houve a participação de palestrantes, autores, poetas, artistas circenses, pintores, cantores, desenhistas, grupos de shows infantis, contadoras de histórias de vários lugares, algumas personalidades conhecidas nas mídias nacionais, outros conhecidos nas festas literárias da Bahia e de outros estados, que abrilhantaram o evento. No entanto, em todo esse contexto é importante ressaltar o protagonismo dos atores da própria cidade, autores que lançaram seus livros que ficaram a venda para a aquisição da população e também estiveram presentes nos espaços específicos participando ativamente de várias ações, dos artistas da terra que fizeram os shows musicais e as peças teatrais no espetáculo, dos artistas plásticos que tiveram suas obras expostas na exposição de artes, dos poetas e poetisas que acarinharam o público com sua inspiração, das contadoras de histórias que encantaram o público infantil e infanto-juvenil, da quadrilha animada que contagiou o povo com sua dança, do Bumba-meu-boi levando a cultura, do samba de roda mostrando sua tradição, e, principalmente, dos alunos da rede municipal envolvidos em todo o evento, ora participando como público, ora apresentando as construções de saberes a partir do projeto de leitura das escolas, no palco principal e nos espaços específicos, abrindo e abrilhantando palestras e saraus, isso se configurou como um grande diferencial na medida em que a festa literária nasce a partir da educação local e não como um evento pensado e realizado por iniciativas privadas.

A ação, então, reuniu em um só evento atividades que aglutinaram conhecimentos e manifestações culturais, favoreceu o contato com textos de qualidade literária, como forma de incentivar a leitura, aproximando a população de uma grande quantidade e variedade de livros, proporcionando interação entre família, escola e comunidade em momentos de pura celebração do saber. Ainda proporcionou o enriquecimento a partir de manifestações culturais diversas, promovendo entretenimento de qualidade para o acesso de todos indiscriminadamente e, acima de tudo, proporcionou uma rica oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, com vistas a uma formação crítica e emancipadora.

Foram três dias de muita agitação, participação e engajamento, as pessoas que participavam ficavam encantadas com a riqueza de conteúdos e atrações, as crianças se

divertiam em seus espaços, seus olhos brilhavam por estarem pela primeira vez em um evento como aquele em sua própria cidade, os adolescentes vivenciaram situações lúdicas e ricas de trocas, os jovens puderam presenciar situações de muito saber e descontração e a população em geral pode estar, de acordo com sua disponibilidade, em todos os momentos que desejasse, acompanhando seus filhos ou não, contribuindo ou simplesmente desfrutando de tudo que era oferecido.

A feira de livros teve uma vendagem excelente de títulos, o que se destacou e superou expectativas, pois um dos receios dos representantes das livrarias era em relação a resposta da população a esse comércio cultural, e alguns deles, que estão sempre presentes em outras festas literárias, se recusaram a montar sua estrutura no evento, pelo fato de ser a primeira festa dessa natureza na cidade e pela incerteza das vendas.

A participação no evento excedeu as expectativas, não somente alunos das escolas da rede municipal de Santo Estevão se fizeram presentes, mas também da rede estadual e de escolas de vários municípios próximos e da região, além dos acadêmicos do município e de municípios próximos. Grande parte da população rural, que costuma ir à cidade em dias de feira livre também esteve presente pois um dos dias da festa aconteceu em paralelo com esta feira, muitos trabalhadores em seu horário de almoço fizeram questão de conhecer o evento e levar seus filhos e a festa teve a presença da população em geral nos horários noturnos com as atividades literárias e artísticas oferecidas. A cidade nos três dias desse evento foi totalmente tomada, teve seu centro comercial modificado, os principais prédios institucionais públicos foram ocupados com literatura e artes, e se tornou um grande ninho educacional, algo totalmente inédito naquela localidade.

Cabe ressaltar que o evento, os organizadores e o sucesso do projeto FLISE, foram posteriormente homenageados em sessão extraordinária na Câmara Municipal de Santo Estevão, no dia 19 de setembro de 2019, e, na ocasião, o então presidente desta casa ressaltou que a FLISE foi o grande divisor de águas da cultura e da educação de Santo Estevão. É interessante ressaltar também que o sucesso da mesma até dispensou a festa de aniversário da cidade, uma micareta que seria realizada no dia 21 de setembro, o que se ouvia falar nas ruas, nas redes sociais e em diversos lugares era que não havia mais necessidade de gastos pois a população estava satisfeita. De fato, foi um evento que possibilitou a literatura e a arte a invadirem e encantarem a cidade e muitos vizinhos que a visitaram naqueles dias, distinguindo sua qualidade, enquanto festa educacional, de qualquer outra que tenha sido realizada até então, e ficando na memória daquele município como uma importante ação que não pode ser descontinuada.

O acontecimento mostrou a toda população que existem outros espaços de interação com o conhecimento, que os espaços escolares podem se expandir e ganhar toda uma cidade, que práticas pedagógicas inovadoras podem ser um grande diferencial para alcançar a todos e valorizar experiências exaltando a cultura local, e que o conhecimento, tal como um rio, sempre encontra um caminho para banhar a quem por ele se interessa.

5 Considerações

Como vimos anteriormente, a constituição educacional do povo brasileiro não foi a mais adequada ao seu crescimento intelectual, e a história do município de Santo Estevão não foge a esse contexto. A população brasileira por muito tempo não teve acesso a uma educação de qualidade e, em um olhar crítico para o sistema educacional, percebemos que este reflete ainda um grande desajuste entre a nação, suas instituições escolares e principalmente sua concepção de educação. Em relação a isso nos deparamos com muitos fatores que contribuem para esse fato, que perpassam pelas políticas

educacionais, investimentos, gestão dos sistemas educacionais e do próprio Estado, mas, principalmente, pela concepção de sociedade, de Estado e de cidadão que se quer para o país.

Concordamos com o pensamento de Freire (1995), quando ele diz que é preciso considerar e valorizar todos os conhecimentos produzidos e considerar também em nossas práticas educativas as diversas formas de articulação que trabalhem a formação dos sujeitos para serem críticos, conscientes e atuantes em seu contexto social, e para isso é preciso identificar espaços democráticos que propiciem a interação dos mesmos com essas práticas com vistas a uma formação popular que coadune com as possibilidades de atuação no contexto social.

Freire com sua metodologia dialógica e considerada em seu tempo, e hoje ainda, como perigosamente subversiva, trabalhou pela conscientização política da população, em nome de uma emancipação social, política e cultural de toda a classe trabalhadora, excluída das riquezas não somente materiais, mas também de conhecimentos. E nessa perspectiva nos alerta que a chamada ao povo para ir à escola não deve ser para receber instruções, postulados, receitas, repreensões, mas sim para participar coletivamente da construção do saber, não somente o científico, mas o saber da vivência, que considere cada necessidade e a torne em instrumento de luta, fazendo com que esse sujeito seja senhor de sua própria história.

Nesse aspecto, em metodologias e práticas educativas populares, a participação do povo na educação e na cultura rompe com a tradição de que conhecimento é só para alguns, é coisa da elite e que só ela o pode receber e produzir, mas a escola deve proporcionar ao filho do trabalhador maneiras de encontros com a emancipação intelectual para que ele possa se desenvolver. Assim, a escola se transforma em lugar de vivências, saberes e não somente um espaço físico, mas um lugar de vida ressignificada.

Para esse pensador, uma educação democrática deve problematizar a cultura e trabalhar a formação de um sujeito histórico, que tenha autonomia para romper as amarras ideológicas, decidir, modificar, ser ativo e atuante frente ao seu contexto e problemas. Nesse aspecto, toda ação educativa que vá de encontro as estruturas estabelecidas, que ensine para a libertação, se torna uma ação contra-hegemônica, e é urgente que tenhamos cada dia mais ações que reconheçam a história e memória de toda a população, dos pobres, negros, camponeses, favelados, quilombolas, ribeirinhas, toda a população marginalizada e excluída dos benefícios sociais.

Aprender as letras, a escrita e a linguagem é somente o início para uma formação e qualificação contínua a partir da qual o sujeito se tornará capacitado em sua conquista de direitos, enquanto sujeitos de saber. É através da aquisição e do domínio da linguagem em todas as suas expressões que os sujeitos podem se tornar protagonistas no processo do conhecer, produzir e construir significados. E quanto a isso, entendemos que uma festa literária, obviamente, não proporciona todos os conhecimentos necessários e um momento pontual não é capaz sozinho de transformar por completo uma população, no entanto, são momentos como esse que motivam, valorizam, impulsionam, mostram a todos a importância da educação e sensibilizam as pessoas para o saber e para a construção e disseminação de aprendizagens. Por isso, a valorização, incentivo e fomento desses eventos se tornam extremamente relevantes para tirar os sujeitos da total inserção na cultura midiática massificante e ideologicamente dominadora e trazê-lo ao contato com as letras, promovendo a leitura e o letramento, com o diálogo amoroso e reflexivo, numa chamada a (re)conhecer o encantamento dos livros, da cultura, do lazer, do conhecimento produzido na história, principalmente aquele de seu próprio povo, mostrando seu valor, potencial, sabedoria e capacidade para a produção de seu próprio

saber.

E o saber transforma o homem e a mulher e, conseqüentemente, a sociedade. Não há nada mais precioso e determinante para a estruturação de uma nação e a escola pública, a universidade pública, a arte, a literatura, a FLISE e todas as festas literárias estão aí para nos mostrar essa verdade, para nos afetar, nos fazer sonhar e nos remeter a constituição de mundos humanitários e democráticos, mundos ainda em construção, mas que trazem em seu âmago a esperança, e esperança é tudo que nossa sofrida brava gente brasileira precisa para se manter forte em um país de tantas omissões, injustiças e desigualdades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BACK, Cênio. *Faces (novas) da educação popular no contexto brasileiro atual: a construção do poder popular pela participação*. Disponível em: <<https://anped.org.br/sites/default/files/gt06522int.pdf>>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.

BAHIA. *Plano Municipal de Educação*. Secretaria Municipal de Educação. Santo Estevão, Bahia, 2013.

BAHIA. *Secretaria de Cultura do Estado da Bahia*. Festas e Feiras Literárias dinamizam o setor de Leitura e Memória em 2019. Disponível em: <<http://www.cultura.ba.gov.br/2019/12/17281/Festas-e-Feiras-Literarias-dinamizam-o-setor-de-Leitura-e-Memoria-em-2019.html>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

BAHIA. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia. Territórios de Identidade, 2015. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>>. Acesso em: 25 de setembro de 2020.

CONSÓRCIO PORTAL DO SERTÃO. *Santo Estevão-BA*. Disponível em: <<http://www.portaldosertao.ba.gov.br/municipio-santo-estevao-ba.php>>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FONSECA, Ivan Claret Marques. *Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe*. 1983.

FREIRE, Paulo. *A sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 1995.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5ª Ed., Rio Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 12ª ed. São Paulo, Cortez, 1989.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4ª edição. Disponível em:
<[http://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)>.
Acesso em: 18 de setembro de 2020.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.
In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva
sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos; BARRETO, Eloi; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison.
Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ESTEVÃO. *O município*. Disponível em:
<<https://santoestevao.ba.gov.br/historia>>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

ROCHA, José. *Terra dos Ipecas II*. Feira de Santana: Munartgraf, 2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.